TL70421

Si Unyil

Xavante

P - Qual a correlacão de forças neste momento?

R - Numa proporção de 10 a 15 por um, no campo táctico-operacional, enquanto uma parte das forças ocupacionistas assegura determinados troços das estradas, as vilas e os campos, incluindo a artilharia pesada e a cavalaria blindada, um efectivo que varia de 5 a 8 batalhões ou cobrem pontos estratégicos, no interior das nossa zonas, donde partem para as operações de limpeza ou largam-nos e executam operações macissas de batida, em movimentos de progressão de uma região para outra ou ainda executam operações simultâneas em todo o território. Além disso, os Broncos têm vindo a actuar muito frequentemente.

P - A Indonésia controla todo o território?

R - Não, em nenhum momento destes 10 anos de guerra, a Indonésia controlou todo o território, porque se o fizesse a Resistência Armada não existiria.

P - Ou a Fretilin tem áreas libertadas?

R - Numa guerra de guerrilhas como a nossa, colocada em termos de pequenez do território, consideramos áreas libertadas as extensas áreas em que vivemos. Numa ideis geral, vou dizer que, para o conjunto dos campos, integrantes de uma Vila, ou com relação a qualquer campo, colocado fora da Vila, existe uma delimitação para à circulação da população encurralada, num raio entre 500 a 700 metros da periferia do campo e é dentro dela que a população é autorizada a fazer as hortas. Há também uma pequena faixa, de 1 km aproximadamente, exterior àquela delimitação, que pode ser definida como zona de transição entre as áreas controladas pelo ocupante e as nossas áreas. Esta zona de transição é diàriamente patrulha-

da pelas forças inimigas mas, ja a partir dessa zona, não existem quaisquer actividades que possam ser consideradas de actividades normais ou actividades regulares. Assim, para além, ou melhor, para aquém desta zona de transicão, todo o extenso território está sob o controle das FALINTIL.

P - Onde, concretamente?

R - Penso não ser fácil uma descricão teórica de todas as áreas libertadas onde nos movimentamos porque, para isso, teria que colocar, vila por vila, à disposicão dos campos, as áreas entre alguns campos afastados e as respectivas vilas e campos entre si, etc; portanto, teria que tracar uma configuracão geográfica de quase todo o território, de forma tanto extensa quanto cansativa - o que não aconteceria, supunhamos, se estivesse, perante os senhores, assinalando as áreas libertadas num mapa, para poderem ter uma ideia do terreno em que pròpriamente a Indonesia detém o controle militar e do que a guerrilha tem em seu poder.

Contudo, posso afirmar que, entre 80 a 85% da Ponta Leste está sob o controle da FRETILIN, assim como a Regiao Central; na Fronteira, toda a faixa sul compreendida entre Betano/Same/Mamalau à ribeira de Lomea, próxima da Vila de Bobonaro, tendo-se evidentemente em conta as condicões de demarcacão das áreas que dissemos acima. Penso, ainda assim, que é interessante fornecer os dados para a localizacão de uma área libertada:

- tomando-se a linha de Moro à Vila de Lospalos, estão campos ao longo da estrada e, no prosseguimento desta linha para o sul, podem-se ver, no limite da planície e junto à estrada, o campo de Ililapa e, depois, no antigo local de

Maluro, o campo do mesmo nome, além de um outro campo recente, situado em Supalira;

- nas áreas de Soro e já no limite da planície, junto a estrada, o campo de a oeste da Vila e pela estrada a Kakavei e somente até ao antigo local do suco de Leuro, estão 4 campos (3 de Souro e 1 de Leuro). No lado leste do monte Lalenо, estão 3 campos nos antigos locais dos respectivos sucos: Baduro, Serelau e Maina II;

- perto do cruzamento Laivai-Moro-Luro, está o campo de Naruntei; em Laivai, o campo do mesmo nome;

- Em Luro, num círculo de 3 kms de diâmetro, todos os sucos, assim como em Iliomar, formando cada qual um enorme campo de fome;

Passemos à linha Laga-Uato Karbau:

- Saelari, no antigo local do suco, Samalari (de Laga) no cruzamento, Sagadate e Atelari, ao longo da estrada para Baguia. Depois vem Lavateri, Defa Uasi e Samalari (de Baguia) nos seu antigos locais mas só ao longo das estradas. Na Vila de Baguia, num círculo apertadíssimo de menos de 1 km de raio;

- já em Uatu Karbau, um campo no posto antigo, o de Loi Ulo, no antigo local do mesmo nome, outro entre o posto velho e o novo e, os restantes, no novo e na estrada para Aliambata.

Dentro da delimitação das áreas que expus, poderão reparar na extensão das zonas controladas pela gurrilha, neste pedaço do nosso território nacional. Não negando embora que as áreas libertadas constituem o próprio palco da guerra, este facto não nega o nosso controle porque, no âmbito de ope-

rações militares, este palco estende-se, com muita frequência, as áreas especificamente consideradas de controle militar, digamos, permanente por parte do inimigo; e, por outro lado, no interior das nossas zonas, existem locais ou zonas, onde o movimento do inimigo se faz apenas uma vez por ano, se tanto, já que o agressor move as suas forças em função da definição (localização) das nossas bases (clássicas ou eventuais) e em função da logística em terreno. Para aclarar ainda mais vou, por exemplo, indicar uma base clássica da 1a. Companhia de guerrilha: Nana Foe, aproximadamente a 1 km a sul do campo de Ira Lafai; ou, da Compa. A da I Unidade: Reisoro, no terminal noroeste da planicie de Home ou, ainda, em Pasikeno, à questão de 2 kms a sul do campo de Leuro.

P - Qual o relacionamento entre a guerrilha e a população da zona onde actua?

R - O mesmo sangue corre nas nossas veias, o mesmo pensamento, o mesmo desejo, as mesmas aspirações moram na nossa alma, as mesmas preocupações, as mesmas esperanças, a mesma fé, a mesma determinação latejam nos nossos corações, os mesmos sofrimentos, os mesmos sacrifícios, as mesmas fraquezas ~~xxxx~~ dilaceram a nossa carne ... é isto, se posso descrever assim o relacionamento entre a guerrilha e a população - e população, não só das zonas onde a nossa presença militar se faz sentir como das zonas onde só a nossa presença política pode lá chegar!

P - Considera possível uma vitória militar sobre o ocupante indonésio ou a independência de Timor-Leste passa por uma alteração profunda da orientação política de Jakarta?

R - A FRETILIN nunca se iludiu com devaneios esperançosos

quanto à perspectiva de uma vitória militar sobre o ocupante indonésio mas afirmamos que constituirá também tarefa difícil perseguir a exterminação dos guerrilheiros. E penso que sim; penso que nos devemos empenhar por provocar uma mudança de atitude por parte de Jakarta. Sabemos que isso não é fácil mas penso que não devem estar esgotados todos os recursos para o conseguirmos. Digo isto porque o suporte da Indonésia está precisamente no apoio que muitos países lhe garantem para manter as boas relações com Jakarta. Os governos europeus poderiam influenciar positivamente na solução do nosso problema se adoptassem uma política consequente com os seus princípios ou, melhor dito, com os princípios universais. Estamos a ver, por exemplo, que a 1a. ministro britanica, hoje, defende com ardor o direito à auto-determinação da reduzida populacao das Faukland ou Malvinas e, no nosso caso, já não podemos afirmar que tenha, no mínimo, um interesse idêntico. Ou, aqui mais chegada a nós, a Austrália, que se mostrou "preocupada" com a manutenção da presença da França na Nova Caledónia e, no nosso caso, já diz que é bom que sejamos indonésios. Para o caso de Campuchea ou de Afeganistão, falam de forças de ocupação, de forças agressoras, de invasores, etc; no caso de Timor-Leste, só faltou ainda dizer-se: "forças indonésias de libertacão" ou, noutro termo agora muito actual, os "combatentes da liberdade"... Mochtar, ainda há pouco tempo, não só confirmou que os generais indonésios já tinham ambições sobre Timor Leste como procurou afirmar que o ocidente ja "está a começar a ver o problema de Timor-Leste à luz das realidades" que, pelos vistos, estão reflectidas no estreitamento de laços económicos com Jakarta. E uma outra realidade (que Mochtar quis

de que Mochtar teve o ensejo de fazer retórica foi a de que havia "um entendimento entre Indonésia e Portugal para assegurar que ao Povo de Timor Leste se garantisse uma oportunidade de exprimir os seu desejos sem necessidade de xxx recorrer ao uso da força", e que o abandono precipitado do governo colonial português, que ele classificou de pouco digno, deu lugar à intervenção militar indonésia - um acto verdadeiramente digno de Jakarta pelo mar de sangue de mais de 2 centenas de milhar de cidadãos mauberes que morreram nesta cobarde agressão. A conclusão que se pode extrair das afirmações do Mochtar é a de que as "pessoas" estão a ficar convencidas de que valeu a pena, de que foi um acto legítimo o uso da força para agredir o Povo de Timor Leste, pois que este guerra de genocídio, promovida por Jakarta, foi para preencher o vácuo deixado pelos portugueses. Mochtar estava, portanto, a chamar aquelas pessoas a quem se referia de estúpidas, de assassinas, como ele e os seus generais e, inclusivamente, de subservientes lacaios dele mesmo. Irònicamente, parece até que o mundo está aceitando que Mochtar chame, para si, uma autoridade politica e moral para se pronunciar sobre o caso de Kampuchea, apresentando-se como x promotor xxxxxxx de uma solução, quando ele próprio detém nas suas mãos o sangue do nosso Povo. Só a política hipócrita de muitos governos pode consentir tal insulto à comunidade internacional.

Eu penso que os governos democratas não deveriam continuar a actuar como cúmplices de Jakarta, cuja agressão militar à nossa Patria viola os principios fundamentais estabelecidos na ONU. O que envolve as tomadas de posição a favor da Indonésia é o alegado factor de instabilidade que a FRETILIN vi-

ria a criar para a área (segundo pensam) e, como complemento necessário, a influência soviética na região. Este é o nó da questão, é a base de todo o raciocínio anti-Povo Mau Bere! Tanto a Indonésia como a Australia têm relações diplomáticas com Moscovo e a FRETILIN é quem constitui a ameaça para a área - vejam só! Da nossa parte, já provamos durante dez anos que lutámos e continuamos lutando, a contar ùnicamente com as nossas próprias capacidades de resistir a um adversário poderoso que, para mais, é assistido e apoiado, em muitos ou todos os aspectos, pelos países que procuraram tirar partido, desta guerra de extermínio do nosso Povo, em vantagens lucrativas. Da nossa parte ainda, queremos também afirmar que estamos dispostos a assumir os compromissos necessários para evitar, a todo o custo, a instabilidade na área e..., se pudemos manter firmeza na nossa resistência, penso que devem acreditar que nos manteremos firmes no cumprimento das nossas obrigações para com os países vizinhos. Nós estamos sòmente interessados em construir a nossa terra sob um clima de paz e segurança, procurando manter boas relações com a Australia e com a própria Indonésia, em todos os campos que promovam o bem-estar e o progresso do nosso Povo.

P - A FRETILIN conta com apoios políticos, no interior da Indonésia?

R - Nós estamos convencidos de que nem todas as corrrentes de opinião, na Indonésia, estão de acordo com a agressão a Timor Leste; porém há que ter em conta que o regime não permite uma exteriorizacão mais solidária e precisa, como teria acontecido se o país vivesse num clima democrático. No entanto, a a FRETILIN continuará contando com o apoio politico e moral

que recebemos, do interior da Indonésia ou, melhor dito, do Povo irmão indonésio.

P - Que espera a FRETILIN de Portugal como potência administrante?

R - A FRETILIN considera Portugal para além da simples interpretação de potência administrante que, ao fim e ao cabo para nós, não possui mais que um valor simbólico de soluções de bastidores, que pode até encaminhar para um asfixiamento de esforços para uma solução justa e... podem até deslizar-se para uma conformação pura e simples de passagem de poderes coloniais sobre Timor Leste à Indonésia!

A FRETILIN considera Portugal num contexto histórico mais largo e profundo, em que o carácter de potência descolonizadora, com efeitos jurídicos sobre um processo que ainda não teve lugar em Timor Leste, deve prevalecer para salvaguardar as normas da lei internacional, estabelecidas na Carta das Nações Unidas.

Contudo, aceitamos o actual enquadramento de Portugal, tanto mais que, no actual momento da nossa guerra e considerando-se que Portugal integrou-se efectivamente na CEE, a FRETILIN espera que Portugal se empenhe mais decisivamente a sensibilizar a comunidade europeia a rever a sua posição para com Jakarta e cremos que, desde que não falte a boa vontade, Portugal se encontra em melhores condições de o fazer que no passado.

Penso assim que Portugal tem um papel preponderante na solução do caso porque, partindo da ideia de uma presença política portuguesa em Timor Leste, num período não-determinado de transição, podem-se perspectivar as bases necessárias que garantirão os mecanismos para o es-

tabelecimento de um sistema constitucional pluralista, de acordo com os interesses tanto da área como do Povo de Timor Leste e... Portugal teria cumprido com as suas responsabilidades.

P - Como aprecia a posição sobre Timor Leste, defendida pelo Presidente da República na ONU e como encara as conversações que ali decorrem entre Portugal e Indonésia, sob a égide do Sec-Geral?

R - Como extremamente positiva, na medida em que reafirma a linha de orientação de Portugal, concernente a Timor Leste. Só esperamos que, tendo em conta o prolongado sofrimento do nosso Povo, o próximo Presidente eleito continue reflectindo esta posição a fim de encaminhar o governo de Lisboa a uma maior activação de esforços com vista à obtenção de resultados de maios dimensão prática.

Aproveito para apelar ao parlamento português e ao actual governo de Lisboa no sentido de tomar, em suas mãos, a defesa dos direitos do Povo de Timor-Leste, que esteve 4 séculos sob a dominação portuguesa. Apelo ainda ao Senhor 1o. Ministro, Dr. Cavaco e Silva, para que promova a justa causa do Povo Mau Bere, ultrapassando-se assim o longo período de dez anos de manifesta falta de ~~xxxxxxx~~ intenção política para com a questão de Timor-Leste!

Quanto às conversações em curso, entre Portugal e a Indonésia, devo manifestar, antes de tudo, a nossa apreensão pelo facto de, num assunto que diz respeito à vida, à existencia, que diz respeito aos interesses, ao património do próprio Povo, o nosso Povo não ser chamado a pronunciar-se. Este facto que, por si só, está a pôr em causa os principios esta-

belecidos na Carta das Nações Unidas, pode conduzir as conversações à discussão de questões secundárias, apartando-as dos pontos básicos que as deveriam orientar, tais como o princípio da inviolabilidade das fronteiras (princípio que abrange os territórios sob dominação colonial), o direito à auto-determinação dos Povos, o princípio do referendum, etc.

Não se partindo destes fundamentos, é o que se vê: a questão do repatriamento dos ex-funcionários sugere imediatamente a incosistência das conversações: - em 1o. lugar, verificamos que os ocupantes procuraram imediatamente pôr cobro a isso, promovendo colocação "segura" dos que poderiam optar por fugir da sua criminosa ocupação (em princípios de 1984, correu uma verdadeira campanha de alistamento de todos os que, de uma forma ou doutra, venciam pelo governo português, até de elementos de 2a. linha e este facto também ocorre presentemente - a campanha até Tinha tem como tópico a promessa de que os alistados seriam compensados de todo o dinheiro atrasado desde 1975 e que seriam beneficiados com empregos); porém, muitos elementos confidenciaram-nos de que estas atitudes dos ocupacionistas têm, por detrás, apenas a intenção de melhor exercer o controle sobre os presumíveis descontentes. Em 2o. lugar, considerando-se apenas esta questão, ficamos com a sensação de que os direitos que assistem ao Povo Mau Bere estão reduzidos à opção que um pequeno número de timores pode fazer por "continuar portugueses" ou por aceitar a ocupação militar indonésia e, em 3o. lugar, há uma pergunta a fazer: será que uns casos isolados de repatriados podem fazer esquecer aqueles que maravilharam o Almeida Santos, em 1975? essas pessoas não podem ser consideradas, também, com

direito a fazer opções? Vejam como isto conduz ao princípio do referendum? Pensamos assim que, basicamente, os pontos, que alimentam as conversações entre Portugal e Indonésia, podem vir precisamente a reconhecer que o uso da força para agredir outros Povos pode substituir os princípios universais, o que só demonstraria que a ONU estaria seguindo uma política de clara parcialidade e isto seria deveras lamentável, sob o ponto de vista da sua credibilidade internacional.

Não pondo de lado as dificuldades, provenientes da posição inflexível de Jakarta, creio que, fundamentalmente, devo partir por considerar que o Senhor Secretario-Geral da ONU está guiado pelos principios e direitos universais que regulam a Comunidade das Nações e que, por isso mesmo, o mandato que lhe conferiu a Assembleia Geral, sobre a questão de Timor Leste, não pode ser encarado como um passo para concordar com uma solução, contrária a esses princípios e direitos, sòmente para não molestar a Indonésia nem esse mandato é para fazer prevalecer uma solução de força que negue o seu próprio papel de S-G, dentro da organização das Nações Unidas.

É, neste sentido, que estamos confiantes de que o Senhor Secretario-Geral da ONU utilizará, com rectidão, os seus bons ofícios para pressionar Jakarta a cumprir as resoluções pertinentes da Assembleia-Geral da ONU e, sobretudo, à respeitar as normas da lei internacional. E é, neste sentido também, que exigimos de Portugal uma acção mais consequente na promoção e defesa dos vardadeiros interesses do nosso Povo e não reduzir a solução do caso de Timor-Leste a uma simples questão de honra para Portugal.

P - Perante a actual conjuntura internacional, que não pa

rece muito favorável à independência de Timor Leste, admite a realização de um acto de auto-determinação nos moldes daquele que se efectuou na Papua Ocidental - Iriam Jaya? Como reagiria a FRETILIN a uma solução de autonomia, integrada na república da Indonesia, que garantisse a timorização de alguns aspectos da vida política e económica do território e preservasse a presença da cultura portuguesa? Prosseguiria a luta ou acederia a dialogar nesta base?

R - O mundo condenou veementemente as manobras políticas da Pretória que estabeleceu um governo fantocha em Namibia, a chamada administração interna. Esta condenação tem por objectivo, basicamente, salvaguardar as normas de justiça, salvaguardar a autoridade da ONU, cujas resoluções sobre o caso namibiano devem continuar prevalecentes pois, caso contrário, retirará à ONU a sua própria razão de existir.

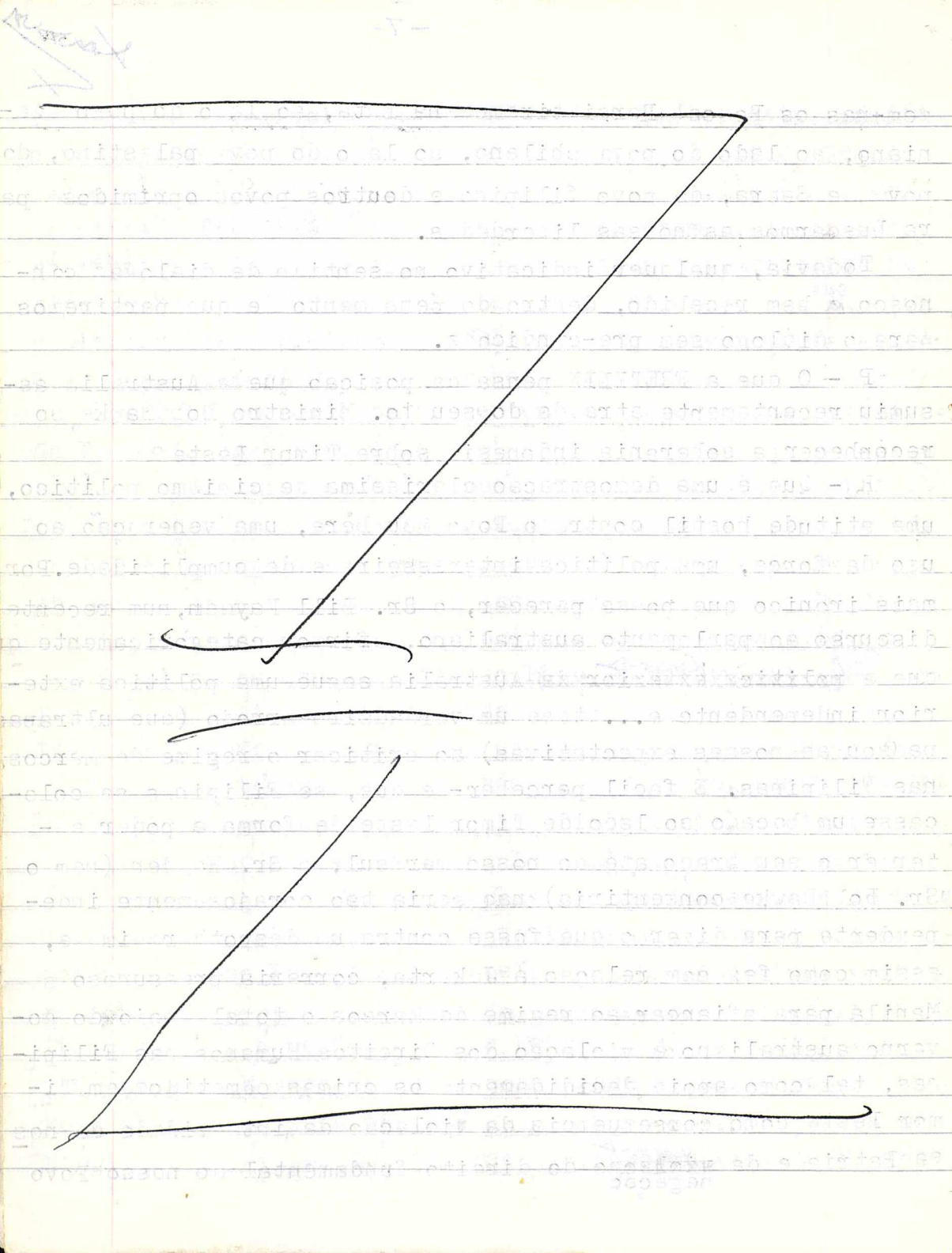
Os direitos que assistem ao Povo de Timor Leste estão para além de quaisquer concessões que a Indonesia possa admitir. Não estamos interessados em discutir a quimera dessas ofertas de retórica, por um lado e, por outro, embora existam laços históricos entre Portugal e Timor Leste, só tenho a dizer que o objectivo da nossa Luta não se circunscreve à preservação da cultura portuguesa em Timor Leste, de forma que dialogar em bases assim é trair os sacrifícios consentidos pelo nosso Povo que luta pela sua independência, é desrespeitar a vontade soberana do nosso Povo de viver livre e independente, é vender a nossa Pátria e espezinhar o nosso património. É verdade que a conjuntura actual é pouco favorável à nossa questão, ou, eu diria, pouco interessada no problema; porém, as conjunturas, fazemo-las os homens, fa-

zem-nas os Povos! Persistiremos na Luta, ao lado do povo azaniano, ao lado do povo chileno, ao lado do povo palestino, do povo de Sahara, do povo filipino e doutros povos oprimidos para buscarmos as nossas liberdades.

Todavia, qualquer indicativo no sentido de dialogar connosco será bem recebido, dentro do pensamento de que partiremos para o diálogo sem pré-condições.

P - O que a FRETILIN pensa da posição que a Austrália assumiu recentemente através do seu 1o. Ministro Bob Hawke ao reconhecer a soberania indonésia sobre Timor Leste?

R - Que é uma demostração claríssima de cinismo político, uma atitude hostil contra o Povo Mau Bere, uma veneração ao uso da força, uma política interesseira e de cumplicidade. Por mais irónico que possa parecer, o Sr. Bill Haydem, num recente discurso ao parlamento australiano, afirmou categoricamente que a Australia segue uma política exterior independente e... teve um verdadeiro arrojo (que ultrapassou as nossas expectativas) ao criticar o regime de Marcos nas Filipinas. É facil perceber-de que, se Filipinas se colocasse um bocado ao lado de Timor Leste de forma a poder estender o seu braço até ao nosso mar sul, o Sr. Hayden (nem o Sr. Bob Hawke consentiria) não seria tão corajosamente independente para dizer o que fosse contra um déspota regime e, assim como fez com relação à Jakarta, correria pressuroso a Manila para afiançar ao regime de Marcos o total apoio do governo australiano à violação dos Direitos Humanos nas Filipinas, tal como apoia decididamente os crimes cometidos em Timor Leste, como consequência da violação da integridade da nossa Pátria e da negação do direito fundamental do nosso Povo



à auto-determinação e independência nacional.

P - Quais os reflexos que a mesma teve sobre a Luta da FRETILIN pela independência do território?

R - Chocou-nos pelo simples facto de o caso de Timor Leste ter servido apenas de trampolim para a subida ao poder do Sr. Bob Hawke; porém, desde Março de 83, as grandes movimentações do Sr. Hayden e as consequentes declarações eram "realistas" demais para esperarmos, desde aquela altura, uma atitude do governo australiano mais coerente com ~~o que se diz~~ o que se diz serem os seus princípios e com o que se afirma ser uma política exterior independente. Sabemos que esta posição da Austrália poderá influenciar os países europeus a aceitarem a ocupação indeonésia como um facto consumado.

Ao longo destes anos e, enquanto não pudemos quebrar ainda o bloqueio, a Indonesia ia conseguindo um importante avanço com as suas mentiras, cujos resultados estiveram sempre reflectidos, ano após ano, no aumento dos votos a seu favor na ONU. Contudo, embora isso nos preocupasse, este facto só significava para nós que nos deveríamos esforçar mais no desenvolvimento das nossas actividades de resistência, o que equivale a dizer que, ao invés de nos assustarmos ou lamentarmos, ganhávamos mais consciência das nossas dificuldades e partíamos mais decididos a enfrentá-las. Este foi sempre o reflexo que recai sobre a nossa resistência, de qualquer das dificuldades sem conta que temos vindo a suportar. Foi o que aconteceu também aom a posição do Sr. Hawke - tomámos consciência apenas, repito, apenas, de que, por ordens dos cúmplices de Jakarta, o Povo de Timor Leste DEVERÁ sofrer ainda muito, DEVERÁ verter ainda mais sangue e DEVERÁ oferecer mais vi

das para convencer o mundo de que ele existe e só pretende viver livre e independente.

P - A população que actualmente reside em Timor Leste continua a ser maioritàriamente mau-bere ou confirma se há transferências da população, alegadamente ordenadas pela Indonesia?

R - As informações dizem que Dili está javanizado e que continuam a vir caravanas indonésias para Timor Leste. Embora o levantamento armado de Agosto de 1983 tenha desencorajado um pouco os projectos de transmigração para determinadas zonas agrícolas como Lospalos, Natar Bora e Ué Berek, projectos que só beneficiariam os indonésios, hoje, Jakarta tenta de novo o plano de exterminar a identidade mau-bere. A Vila de Bariké, por exemplo, está ocupada militarmente, desde a 2a. metade de 84 e presume-se que estejam a ser preparadas condições para a segurança, alojamento e fixação da população indonesia.

P - Qual tem sido o papel da Igreja Católica em Timor Leste, no terreno da Luta do Povo de Timor Leste?

R - A Igreja Católica, aparecendo como um complemento inseparável da Luta Armada, tem sido o suporte moral do nosso Povo na sua resistência à vil ocupação indonésia. A Igreja Católica, em Timor Leste, pela qual nutrimos o máximo respeito e admiração, continua, dentro das suas possibilidades, a constituir também um valioso apoio à população mais necessitada, mormente na assistência medicamentosa aos doentes. Aproveito para lembrar aqui a posição corajosa e firme do Mons. Martinho Lopes que se colocou abertamente na defesa dos direitos do Povo Mau Bere, assim como de muitos padres que,

por causa disso, ou foram chamados a interrogatórios frequentes ou insultados e até esbofeteados, não se falando já da colocação, junto deles, de elementos indonésios para os vigiar.

O actual Chefe da Igreja, Mons. Filipe Belo tem também enfrentado, com audácia, os perigos e as ameaças e, pela sua postura decidida, tem inclusivamente merecido dos indonesios expressões insultuosas como "koblok" e "pohong" e pelas denúncias que tem feito sobre a verdadeira situação em Timor Leste!

NOTA - A pergunta no. 8 (oito) não foi transmitida pela ACET.-

P - Ultimamente, pessoas que têm visitado Timor Leste, nomeadamente elementos da CVI, têm dito que a situação no território melhorou e que se nota mesmo um certo desenvolvimento. O que pensa desta afirmação?

-R- Que esta afirmação não conduz a nada, a absolutamente nada! Não temos por princípio combater sistemàticamente tudo, mas a óptica dos princípios constitui, para nós, a base em que se assentam os nossos pontos de vista. Não sendo assim, negaríamos o carácter político, o valor moral e ético das sanções que se defendem contra a África do Sul; não sendo assim, ninguém deveria aclamar o retorno à democracia nos países sob regime ditatorial. Nós acreditamos que Prétoria também promoveu um talvéz maior "desenvolvimento" na Namíbia - será que isto deve sobrepôr-se ao direito do povo namibiano à independência? Hoje, a situação no Chile e nas Filipinas tornou-se numa apreensão para muitas pessoas - será que o direito só aparece quando uma situação se deteriora?

A questão do suposto desenvolvimento é, realmente, o ar-

gumento preferido de Jakarta, que se têm servido de muitos compatrsas, incluindo políticos, para desviar as atenções da opinião pública internacional no sentido de fazer esquecer a ocupação militar da nossa Pátria e a criminosa repressão sobre o nosso Povo. Consideramos as afirmações deste cariz, de quem quer que partam, como tendenciosas a manipuladas por Jakarta; consideramo-las também como um grave insulto ao nosso Povo que, em muitos lados, está morrendo de fome e doença, porque não lhe chega a devida assistência. Não queremos negar, de forma alguma, a valiosa ajuda da CVI que aliviou os sofrimentos do nosso Povo nos períodos mais críticos da suá sobrevivência; porém, não deixa de ser verdade que, neste preciso momento, em muitos lados do interior da nossa Pátria, principalmente na região leste e no sul da região central, a população esfomeada e raquitica desejaria ver os elementos da CVI distribuindo-lhes comer e a população afectada de graves doenças gostaria de receber um tratamento mais adequado e assíduo dos elementos da CVI.

Nós compreendemos que um princípio que orienta a CVI é o de prestar assistência a todas as partes envolvidas em guerra, sem restrições, dando-se o caso de que, até agora, ainda não pedimos nada, a CVI, para a guerrilha, em termos de assistência humanitaria aos feridos e mutilados da guerra; mas gostaríamos que a CVI pressionasse Jakarta no sentido de permitir que seja a CVI a fazer tratamento aos guerrilheiros feridos e que são capturados para impedir que os ocupantes amputem os desgraçados sòmente com a finalidade de os inutilizar. Expressamos, no entanto, as nossas reservas quanto à autenticidade dessas afirmações.

P - O último relatório da Amnistia Internacional, sobre a situação de Timor Leste, produziu alguns efeitos no comportamento das autoridades indonésias, enquanto ocupante do território?

R - Esperar uma coisa dessas é esperar que, continuando o regime minoritário na África do Sul, Pretória possa acabar com o apartheid ou que, nos países de ditadura militar, haja porta aberta para a democracia. Numa guerra como a nossa, em que o Povo de Timor Leste se identificou com a resistência armada à ocupação militar da Indonésia, a situação de perseguição, de prisões arbitrárias e de torturas, não pode terminar, enquanto a nossa terra permanecer ocupada!

Pode haver, sim, formas mais veladas para exercer as mesmas represálias de sempre; ao longo destes anos, temos assistido a várias tácticas do inimigo, cuja execução passa despercebida a quem não esteja atento. Vou citar algumas tácticas actuais: aos elementos desconfiados, os nangellas "promovem" a espiões, que são lançados em determinadas direcções para dentro das nossas zonas; nessas direcções, aparecem sistemàticamente as forças ocupacionistas que procuram eliminar esses homens e, quando o conseguem, justificam com "enganos", com "falta de coordenação" entre eles, ocupantes, ou lançam culpas às próprias vítimas, acusando-as de terem ultrapassado os "limites" fixados, etc. Se esses elementos têm a sorte de serem apenas feridos, são tratados e obrigados de novo a iniciar o trabalho, sempre com o perigo de serem eliminados nas nossas zonas pelas forças de ocupação - isto aconteceu, em fins de 1985, às seguintes pessoas: Brito, de cerca de 38 anos, Amaro Bosco, de 36 anos e mais 4 elemen-

tos, todos de Venilale. Os dois mencionados foram atingidos pelas forças indonésias que ocupam o alto de Kaikoli, à 1 km da Vila. O DPR Aleixo Ximenes tem conhecimento do caso, pois juntamente com os nangallas, tem estado a mobilizar os desconfiados para os trabalhos de espionagem, ao que muitos têm recusado com veemência, afirmando mesmo que preferem ser desterrados, incluindo um elemento de nome Alito Bosoida.

Quando são eliminados, o koramil é avisado e este reúne as autoridades locais (kepalas, RT e RK) e fá-los assinar um documento declarando que foram eliminados pela guerrilha -- isto aconteceu com 2 elementos de Mehara, em 7 de Dezembro ultimo: José, de 28 anos e Levenu (Malai), de 38, ambos ca-* ou então, indicados pelos nangallas, os elementos são levados pelas forças operacionais como TBO e são eliminados no mato, culpando depois à guerra - este método é frequentíssimo. Ou ainda, os ocupantes assaltam, na verdadeira acepção da palavra, os postos nocturnos de segurança dos campos, denominados "jagas" e depois culpam a FRETILIN - o que é que já aconteceu, mais de uma vez; que os rastos e o material utilizado denunciam sempre que os autores são os ocupantes; o "camat" de Ossú, por exemplo, pressionado pelos hansip foi até Baukau apresentar um caso assim em que os nangallas massacraram alguns elementos de Nahareka, que se encontravam de "jaga", tendo alguns ficado apenas feridos, mas o silêncio do Dandim de Baukau fê-lo regressar à casa, rangendo de impotência.

Qualquer tendência, por insignificante que seja, por parte dos assassinos agressores, para afrouxar a sua política de terror, sabem-no eles que é contra-producente e, por-

*sados e do campo de Portomano.

tanto, impraticável, já que permitirá à população uma relativa liberdade de movimentos e isso implicaria sòmente na retomada de participação mais activa na sua luta. Porque o agressor se propõe a estabelecer (e é o que deve desesperadamente continuar a tentar) uma ruptura entre a guerrilha e a população, não pode recorrer a outros meios que não sejam a contínua prática de intimidação, a contínua represália violenta e criminosa sobre a população. Senão, vejamos este caso: Para superar a fome negra nas respectivas casas, Domingos, de 20 anos, JUlião, casado e de 25 e outro Domingos, também casado e de 27, todos da povoacao de Lebenei, do suco de Letemumo, resolveram ir caçar porcos bravos, no local de Abarisi, um pouco fora dos limites da produção, a oeste da Vila dec Kelikai. Quando se encontravam a distribuir a carne de um porco entre eles, quando um pelotão do Bat. 724, destacado em Tabere, próximo à Vila, apareceu junto deles exigindo a maior parte da carne. Os 3 negaram-se apresentando a situação de fome das suas famílias. Enquanto discutiam, alguns soldados indonésios reconheceram os 3 como fazendo parte de um grupo que lhes recusara levar mulheres para o posto, uma semana atrás. Depois de certificarem o facto, o comandante do pelotão ordenou que fossem fuzilados a rajadas e, já depois de mortos, ainda lhes lançaram dois dilagramas, regressando depois com toda a carne ao acampamento. Já na Vila, os assassinos informaram à população que os 3 tinham sido mortos pelos guerrilheiros, mas os TBO foram mais honestos informando da verdade à populaçao e seus familiares. Estes, por mais que tivessem pedido para irem buscar os cadáveres, não obtiveram permissão até à data. Este caso ocorreu em 19 de Outubro de

1985.

P - Em alguns sectores da opinião pública portuguesa, a FRETILIN tem uma imagem de força política de extrema esquerda. Essa imagem corresponde à realidade?

R - Penso que não. Emergido das trevas coloniais-fascistas, nas quais o próprio povo português se encontrava mergulhado, o nosso Movimento foi imediatamente apodado com todos os ismos que apareceram no vocabulário político de então. Creio ser importante lembrar, todas as vezes quantas forem necessárias, que não pertenceu à FRETILIN a iniciativa de quebrar, de um modo violento, o processo de descolonização. A irresponsabilidade do governo colonial no conluio com o golpe de Agosto de 1975, deve ser apontada como a base do agravamento da situação, surgida após o movimento armado da UDT. Diga-se de passagem que muitos elementos da Apodeti se integraram no contra-golpe, como reacção à acção armada da UDT.

O extremismo, que continua a ser a chapa negativa da imagem da FRETILIN, penso que talvez seja sòmente o reflexo de uma apreciação superficial, apreciação que não tem em conta a base que mencionei atrás. Hoje por hoje, acho esta imagem inapropriada, visto que a FRETILIN continua a ser encarada isoladamente e, mesmo assim, sem o seu carácter indiscriminatório que sustenta os alicerces de Movimento nacionalista - isto, em 1o. lugar; em 2o., a FRETILIN já apresentou iniciativas que provam a sua boa fé, a sua idoneidade e responsabilidade políticas para encarar os interesses da área e, finalmente, a FRETILIN afirma, com convicção, que tem vindo a resistir sem prejudicar, num só momento que fosse,

a estabilidade da área. (~~xxxxxxxxxxxxxxxxxx~~)

Creio poder ainda dizer que, em condições de Luta em que só a FRETILIN estava à testa do nosso Povo, com a comunidade internacional a descartar-se, aos poucos, da defesa dos princípios universais e sob uma pressão militar dos ocupantes que provocou a alteração radical das nossas condições de resistência (facto que, temos a certeza, foi aclamado por muitos governos), qualquer postura da nossa parte é uma reacção legítima, para salvaguardar os interesses da própria Luta pela independência do nosso País. O bloqueio não nos permitiu saber, por exemplo, da existência de uma facção nacionalista da UDT, no exterior, já que todos tínhamos em conta que a UDT (dos Carrascalões e dos Lopes), depois da malograda tentativa de eliminar a FRETILIN, se virou integracionista e grande colaboracionista na agressão e repressão do nosso Povo.

Contudo, nós nunca tínhamos posto ponto final a uma dinâmica mais recomendável de posturas ulteriores, dentro do pensamento de abrirmos tanto quanto possível os braços da resistência para acolhermos todas as forças nacionalistas, de outras convicções políticas, que pretendessem aderir, na prática, à resistência do nosso Povo. O esforço levado a cabo pela FRETILIN, tanto no plano interno como no externo, para uma mobilização global dos nacionalistas de todas as tendências, não deve ser visto como uma saída de emergência, mas sim como a materialização de uma directriz política que a Conferência Nacional, de Março de 1981, para a reorganização da Luta, definira. A própria criação de um partido de esquerda não pode ser vista como uma radicalização de posições porque, essencialmente, clarificou o carácter do próprio Movimento - FRETILIN, que tem

como princípio basilar o respeito pelas convicções de cada um dos seus membros.

Não existem em Portugal partidos de esquerda? Não existem também partidos que, conforme as conjunturas, revêem os seus próprios programas e até princípios? E nós não podemos ser vistos também na perspectiva de podermos e sabermos encarar as situações, de podermos e sabermos promover uma vivência democrática com outras forças políticas?

A FRETILIN quer assegurar que o sistema democrático a ter lugar em Timor Leste será igual ao que ocorre em Portugal e, para isso, estamos dispostos a assumir quaisquer compromissos, com os países vizinhos e com Portugal, que assegurem um mecanismo de controle nesta matéria.

O amadurecimento político da FRETILIN está marcado com os estigmas da guerra e, por nada deste mundo, desejaremos arrastar o Povo Mau Bere para a sua própria destruição e estamos dispostos a assegurar a paz e a estabilidade na área.

Eu creio que, aí em Portugal, entender-me-ão quando afirmo que a FRETILIN amadureceu e hoje encara, e saberá encarar também amanhã, com a mesma noção de responsabilidade, as complexas situações que se prendem e se prenderão com a Luta de Libertação Nacional do nosso POVO! No mesmo período de anos, que não desfez em Portugal a "contínua crise política", esta longa guerra moldou-nos o carácter e proporcionou-nos um sentido mais realista e prático para encararmos, com a mesma determinação, as nossas sempre crescentes dificuldades.

Batemo-nos e bater-nos-emos sempre pela independência da nossa Pátria, pelas liberdades do nosso Povo. A independência política de Timor Leete REJEITA quaisquer formas de do-

minação estrangeira.

P - Gostaria que fizesse uma comparação tão vasta quanto possível, entre a situação do Povo de Timor Leste, sob a dominação portuguesa e sob a actual dominação indonésia?

R - Devo começar por dizer que qualquer comparação deste tipo induziria sòmente em erros de análise, pois comparar 2 tempos de dominação colonial, sob quaisquer aspectos que se queira e sob quaisquer bases que se pretenda, não pode sair dos estreitos limites que o próprio termo "dominação" deve conduzir necessàriamente.

E se pudesse existir algo que venha a servir de padrão ou de ponto de referência para especularmos em termos comparativos, iríamos encontrá-lo apenas nos efeitos desta guerra que, em pouco tempo, já exterminou mais de UM TERÇO da população de Timor Leste... e até isso nos remeteria a uma conclusão única:

O COLONIALISMO NÃO TEM COR E...

DOMINAÇÃO COLONIAL É SINÓNIMO DE: REPRESSÃO, ASTÚCIA COLONIALISTA, CRIME, DESRESPEITO AOS VALORES ÉTNICOS DO NOSSO POVO, PATERNALISMO INTOLERÁVEL, PRÓPRIO DOS DOMINADORES, enfim, TUDO QUANTO CONSTITUI OS ASPECTOS DA NEGAÇÃO DO DIREITO DO NOSSO POVO DE VIVER EM PAZ E DE VIVER LIVRE E INDEPENDENTE!!!

Partindo desta base, devo ressaltar que, por ser diferente, nas suas condições, das guerras seculares que os nossos gloriosos antepassados travaram contra os dominadores portugueses, esta guerra produziu um efeito político, de uma implicação histórica sem precedentes, no Povo de Timor Leste - as durezas da guerra consolidaram o seu espírito patriótico e o prosseguimento da luta firmou uma unidade intrínseca e

profundamente autêntica entre uma CONSCIÊNCIA VERDADEIRAMENTE NACIONAL e o ELEMENTO HUMANO (POVO) que só possui a sua vida e a sua determinação para defender o SOLO PÁTRIO, numa TRÍPLICE E SOBERANA INTEGRIDADE de um POVO que continua determinado a LUTAR!

--- --- *** --- ---

PÁTRIA OU MORTE!
RESISTIR É VENCER!
A LUTA CONTINUA EM TODAS AS FRENTES!

Quartel-General do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional, em Timor Leste, 5 de Janeiro de 1986.-

A PRESIDÊNCIA DO CRRN,

KAY RALA XANANA GUSMÃO
COMANDANTE-EM-CHEFE DAS
FALINTIL

– Pedida e preparada para as comemorações do dia 7/Dez/85 – 10º aniversário da invasão e, consequentemente, da Resistência do nº/Povo, por razões técnicas só "poderia" ser em 6 de janeiro de 86 se o posto de Darwin atendesse às nossas chamadas.

– Vai muito atrasada e temos a certeza que, quando chegar a Lisboa, muitos acontecimentos terão sofrido muitas mudanças; pelo facto, pedimos as nossas desculpas

ZANATA